

O FAST-READER: O FLANEUR DA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO.

CLARA ETIENE LIMA DE SOUZA (INEP-MEC).

Resumo

O leitor de hoje em nada se parece ao leitor de antes, do tempo em que a leitura realizava-se em silêncio, no espaço da intimidade, no interior dos aposentos. A leitura da vida privada ainda existe, mas o ato de deparar-se corriqueiramente com informações e ter de atribuir sentido às variadas manifestações da linguagem, extrapolou os limites do privado. O homem público que transita pelas ruas é o leitor da contemporaneidade e ele arrisca-se o tempo todo. “O leitor moderno vive em um mundo de signos, está cercado de palavras impressas; no tumulto das cidades, ele se detém para recolher papéis atirados na rua, deseja lê-los”. (PIGLIA:2006) Esse leitor que se adapta à sociedade da informação é um sujeito acelerado que tem pressa e pouco tempo. Suas leituras são, por excelência, lapsos de reflexão descontínuos. A leitura instantânea conduz esse sujeito para a sua realidade momentânea. O fast-reader na maioria das vezes não tem tempo para um romance, não consegue abstrair-se nos versos de um poema, tem dificuldade com as metáforas, mas lê, lê o tempo todo e não pode escolher não ler, porque esta leitura imediata está diretamente relacionada ao consumo, lei maior do capitalismo avançado. A subjetividade desse sujeito encontrará outros caminhos para desenvolver-se (?).

Palavras-chave:

leitura, fast-reader, subjetividade.

Chegando ao final da primeira década do século XXI, um século fortemente marcado pela velocidade das comunicações e facilitação do acesso às informações, é importante repensar um conceito de leitura que não esteja condicionado pela onda de exageros proféticos do início do século e que seja livre dos discursos mais entusiasmados. Em tempo, este é um momento propício para uma reflexão menos assoberbada ou assustada a respeito dos impactos das novas tecnologias no universo da leitura, pois as crianças que nasceram sob o signo das novas tecnologias como grandes novidades, já estão alfabetizadas e os que assistiram a essa revolução com receio e curiosidade também já carregam seus aparelhos portáteis por aí. A cibercultura já não é mais uma ficção, é uma realidade que engloba concepções culturais, políticas e sociais bastante significativas.

O cidadão deste século lida rotineiramente com a automatização de uma série de serviços, como caixas eletrônicos, porteiros eletrônicos, sistemas de monitoração com câmeras filmadoras, aparelhos de localização etc. Todos esses aparatos têm seu funcionamento relacionado a mecanismos de automatização e programação que exigem do indivíduo uma capacidade mínima de leitura.

“O leitor moderno vive em um mundo de signos, está cercado de palavras impressas; no tumulto das cidades, ele se detém para recolher papéis atirados na rua, deseja lê-los” (Piglia: 2006: 23). O desejo de leitura de que fala Piglia atua sobre o homem contemporâneo como uma espécie de vício, entretanto não lhe garante o prazer de desfrutar de seu “vício”. O

leitor urbano não consegue deter-se para ler, não há tempo reservado à leitura, portanto ela acontece paralelamente às suas atividades cotidianas.

Ler, prática antes associada ao silêncio, à solidão, ao recolhimento e à reflexão, no contexto da assoberbada e agitada vida moderna, assume algumas variações decorrentes da necessidade do indivíduo, não só processar a grande quantidade de informações que recebe, mas também de interagir com as máquinas. É impossível ignorar, por exemplo, o fato de a grande maioria das pessoas nas cidades utilizarem aparelhos de telecomunicação móveis, que servem tanto como meio de comunicação a distância, como também servem de estímulo à leitura e escrita cotidiana de mensagens que são geradas, enviadas e recebidas em um curtíssimo intervalo de tempo pelos interlocutores.

Coexistem, nesse cenário, a leitura concentrada, a leitura despreocupada, a leitura prazerosa, a leitura da necessidade momentânea, a leitura não planejada, a leitura apressada, dentre outras. De forma que o sujeito leitor desenvolverá habilidades diversas para situações específicas de interação.

A falsa crença de que o leitor é aquele que caminha ao encontro de um oásis de conhecimento é brutalmente abalada em virtude da proliferação, multiplicidade e velocidade de mensagens e conteúdos em circulação e transformação constante pelo meios de veiculação e produção das mensagens. As mudanças, que sempre aconteceram no correr da história, desta vez somam-se umas às outras e aceleram-se vertiginosamente. A sobrecarga de informações impelle o sujeito das grandes cidades a uma necessidade constante de atualizar-se.

As relações interativas em que esse leitor se encontra na contemporaneidade colocam-no em um constante clima de tensão, intuição e exposição. A avalanche de informações que se metaforiza na imagem de um dilúvio, ao mesmo tempo em que oferece a sonhada democratização do conhecimento, convida o sujeito moderno a arriscar-se. O risco, então, impõe-se como uma condição no mundo das virtualidades. O mergulho do leitor nesse contexto, se amador, pode ser fatal, pois as armadilhas se tornam cada vez mais arrojadas e sutis em decorrência das facilidades de criação de espaços virtuais e do acesso a toda sorte de jogos, consumo, negócios e relacionamentos. Mas, se a aceitação do risco como condição parte de um leitor autônomo e crítico, pode ser que a subjetividade encontre nessa experiência uma oportunidade importante para realizar-se livre de paradigmas pré-fixados e, conseqüentemente, previsíveis; o que dificilmente espera-se de um fast-reader. O risco oferece perigos, mas também possibilita a descoberta de outras perspectivas de enfrentamento dos acontecimentos que constituem a realidade enquanto evidência.

De ordem prática, a maioria das demandas por leitura na rotina do cidadão contemporâneo reveste-se de rapidez e dinamismo. Na era da informação, a leitura tem seu status elevado a uma condição primordial, pois a organização da sociedade em rede exige do

sujeito a capacidade de fazer conexões e interpretações constantemente, visto que o acesso às informações, aos serviços e ao consumo realiza-se em uma sociedade altamente paramentada do ponto de vista da linguagem, o que eleva o status da leitura à condição básica de sobrevivência nas grandes cidades, uma leitura longe de ser refinada.

A prática de significação das mensagens que exige estratégias de mobilização e articulação de conhecimentos prévios passa a processar-se de maneira mais superficial e imediata, pois a leitura do homem que transita pelas ruas e pela rede de informações está muitas vezes programada pelo próprio sistema, não admitindo digressões ou intervenções, pois se trata de uma leitura monossignificativa. Nesse caso, o risco que o sujeito corre é o de realizar uma recepção passiva que não possibilite seu engajamento em um processo crítico de processamento do conhecimento, o que se apresenta como uma experiência redutora do ponto de vista do desenvolvimento de subjetividades.

Quando a informação se transforma em mercadoria, ler pode transformar-se em apenas mais uma forma de troca, uma faceta do consumo que colabora para o engessamento do próprio pensamento. Nota-se, inclusive, que o avanço da era da informação acontece paralelo às crises de um sistema econômico global fortemente marcado pela facilitação e aquecimento do mercado consumidor. Em um mundo onde as tecnologias da informação transformaram-se em produtos de máxima absorção pelo mercado, ler é um pré-requisito para o ato de consumir. A pseudodemocratização da informação juntamente com a formação de mercado consumidor passa igualmente pela necessidade de manter a evolução de uma sociedade letrada, o que possivelmente justifique a busca por programas de alfabetização, cujo objetivo, tantas vezes, não ultrapassa a capacitação de indivíduos que interajam e reafirmem um sistema baseado na lógica de consumo cada vez mais automatizado e irracional.

Se a alfabetização é o meio que garante ao sujeito a capacidade individual de ler e escrever compreensivamente em uma dada língua, percebe-se que as exigências sociais de interação do sujeito na vida prática vão além dessa capacidade individualizada de compreensão das palavras. Não basta conhecer o sistema simbólico de uma língua para atuar no mundo altamente sofisticado dos signos. É preciso fazer uso efetivo do conhecimento lingüístico para se afirmar como cidadão e pessoa, e isso só é possível quando a comunicação permite que o sujeito leitor analise, interpele e imponha-se criticamente, o que, na maioria das vezes, não acontece quando o leitor atua como fast-reader.

A preocupação com o letramento[1] e o pragmatismo da leitura vão, de alguma maneira, ao encontro de um leitor prenhe de necessidades sociais elementares, aquele sujeito que vive a leitura como uma experiência de pertencimento ao sistema social vigente. O risco, nesse caso, permite viver o desafio de transitar em um sistema complexo e arrojado, e como tal, muitas vezes prepara armadilhas que, dependendo do despreparo do leitor, podem ser fatais quando impedem a singularização. O indivíduo, simplesmente, não compreende o

espaço por onde transita e se deixa levar por esquemas comunicativos que tolhem sua capacidade crítica.

O letramento é interpretado pelos estudiosos da área como um fenômeno decorrente do impacto social da escrita (Kleiman, 1991), o que o difere da alfabetização escolar, que destaca competências individuais no uso e na prática da escrita. Se a alfabetização no seu modelo tradicional é um método preocupado em repassar aos sujeitos o conhecimento dos códigos de uma língua específica, o letramento avança porque aloca esse sujeito em uma esfera social e ressignifica sua relação com a linguagem.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (Kleiman, 1995:20).

Sabe-se, entretanto, que o acesso à leitura sempre foi, desde as mais remotas sociedades letradas, restrito a uma pequena parcela da população. E quanto maior a desenvoltura dessa competência, mais elitizada torna-se tal capacidade. Ao que parece, isso não muda com a sociedade da informação. Essa leitura rápida e fragmentada é, na maioria das vezes uma leitura que reproduz um exercício de interpretação que se resume a uma resposta rápida, já traçada. Ler de maneira significativa, entretanto, não pode resumir-se ao ato de responder a uma demanda social. O letramento ultrapassa os limites da alfabetização e fornece ferramentas para o sujeito enfrentar os desafios impostos pela sociedade, mas além desses obstáculos, há algo além, aliás, há algo anterior. Antes do social e dentro dele, existe, ou pelo menos deveria existir, o lugar da subjetividade, da liberdade de realização do eu.

O que acontece em detrimento dessa emancipação do sujeito, entre o sujeito alfabetizado e o indivíduo letrado, é o surgimento de uma modalidade de leitor que, tendo muito ou pouco conhecimento da língua, não encontra tempo nem necessidade para uma leitura mais aprofundada e crítica. Esse leitor será denominado - nesta tese - de fast-reader.

A expressão fast-reader não equivale à idéia de leitor dinâmico, que corresponderia ao executor de uma leitura dinâmica, mas àquele que lê de maneira casual, rápida e quase involuntária. A inspiração para o termo procede da analogia com a expressão fast-food (comida rápida), comida que pode ser

preparada e consumida de maneira rápida, geralmente fora de casa, um hábito decorrente da vida pública do homem urbano. O fast-food virou sinônimo de um estilo de vida estressante que vem sendo criticado desde o final do século XX. As conseqüências de tornar o fast-food um hábito são doenças relacionadas à obesidade, uma das maiores causas de doenças na atualidade. Há hoje alguma resistência a esse tipo de consumo. O principal movimento organizado de contraposição é chamado de slow food ("comida lenta"), e teve sua origem na Itália, no ano de 1986. O fast-reader sofrerá as benesses e males de uma prática leitura acelerada.

Sem ter necessariamente sido formado como leitor pela escola, ele é, sobretudo, um produto da sociedade letrada inserido no capitalismo avançado. Essa modalidade de leitor não é uma novidade genuína do século XXI, possivelmente ele começou a desenvolver-se à medida que as ruas das cidades se transformaram em galerias iluminadas onde era possível passear e consumir. Desde a descrição do flaneur benjaminiano é possível encontrar características desse tipo de leitor, que olha e lê o mundo em movimento pelas ruas. Ao abandonar o espaço da privacidade para contemplar as galerias, o flaneur[2], como descreve Walter Benjamin, torna-se o habitante das ruas.

Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivainha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte das fisiologias. (Benjamin, 1989:35).

Se o flaneur foi tomado por uma paixão pela contemplação das ruas e vitrines iluminadas que projetavam seus sonhos e aventuras, o fast-reader se vê inebriado pela observação do mundo que desfila nas telas por meio da comunicação digital, sobretudo a Internet, a configuração de um mundo acessível em diversas tecnologias digitais, inebria e conquista os sujeitos contemporâneos. A exposição das pessoas, por meio da publicação de perfis, fotografias, diários virtuais, comunidades, redes de relacionamento, é tão atrativa quanto eram as ruas iluminadas da Paris do Século XIX. É a transfiguração da realidade por meio de aparatos tecnológicos que conseguem dar à realidade um aspecto de novidade antes nunca vista.

O fast-reader, entretanto, sofre irrevogavelmente as pressões de um tempo fluído que sempre lhe escapa, o seu tempo esvai-se, por isso ele é movido pela pressa de quem sempre está perdendo alguma coisa, donde advém a sensação de angústia de quem não consegue assimilar todas as informações expostas. Essa angústia e pressa é o que desvia o fast-reader da figura do flaneur. O flaneur era movido, sobretudo, pelo encanto pelas ruas, não havia pressa, os passeios recém surgidos na rua ofereciam-lhe uma segurança mínima, pois eram um caminho que apresentava uma rota a ser seguida, ainda que o recente movimento dos carros anunciasse premonitoriamente o perigo da convivência entre homem e máquina. O espaço da rua dividido por transeuntes e automóveis estava bem delimitado, mas já apresentava o embrião da aventura errante do lançar-se para além da segurança das casas.

Os passeios públicos desenvolvem-se e tomam a forma de galerias iluminadas, caminhos cobertos de vidros e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se reuniam para especulações. As galerias no século XIX são a nova descoberta do luxo industrial e representam um mundo em miniatura, e logo são eleitas como passagens prediletas dos passeadores e dos fumantes em meio à multidão urbana. Acreditava-se que era possível entediar-se em meio aos passantes, porque era comum que essas pessoas, desfrutando da calma de passear e contemplar as galerias, fossem tomadas pela nostalgia de um tempo que estava se encerrando. As galerias são um meio termo entre a rua e o interior das casas, é o início do vaguear, que a partir do final do século XX, atualiza-se nas ações que traduzirão o “navegar”.

Enquanto o flaneur do século XIX tinha calma e contemplava as ruas pelos seus passeios, o fast-reader, como o próprio nome indica, tem pressa. Em comum ambos têm a paixão pelo mundo exterior, a exposição de si e a observação constante do mundo e do outro, seja ele representado por meio de vitrines, fotografias ou por meio de uma interface digital. O modelo fast-reader vai se consolidando à medida que a sociedade em rede evolui com seus espaços virtuais, propagandas em excesso, links, hiperlinks etc. O enredamento é a razão que faz com que o fast-reader esteja inserido na sociedade de informação. A rede representa o mundo vivo, logo, o tédio, antes presente na rotina do flaneur, dá espaço à angústia.

O fast-reader não transita por um passeio público delimitado, a ele não é garantido o mínimo de segurança, ele lança-se no turbilhão de transeuntes, internautas, mensagens e caminhos que sempre se entrecruzam e bifurcam, portanto, é comum e faz parte de seu cotidiano perder-se em meio às informações, sua condição, ressalta-se, é a de correr riscos, porque as leituras superficiais e atropeladas são alvo de armadilhas de toda sorte. É na leitura como experiência do erro, onde a tentativa se transforma em estratégia possível que se instaura o perigo como ambiente insalubre de transgressão e perversidade à espera de quem se introduz nos paraísos artificiais moralmente duvidosos prometidos pelas páginas digitais.

Mas, se por um lado algo de ruim assombra esse tipo de leitor, a experiência que admite o erro, entende a leitura como aventura errante com caminhos imprevisíveis que conduzirão o sujeito por universos existenciais desconhecidos. Essa experiência errante pode guardar surpresas que conduzirão o leitor a novas formas de conceber a subjetividade, mas que ainda não estão suficientemente esclarecidas, por isso oferecem, como tudo aquilo que é novo, um misto de medo e fascínio.

O mundo virtual representa as vitrines da sociedade contemporânea onde tudo está exposto, a Internet, de certa forma, torna-se uma das principais moradias do fast-reader. A rede oferece-lhe as notícias mais recentes; conversas instantâneas; diários pessoais; mercado, finanças; cultura, música, imagens; enfim, o mundo por meio de uma tela. Não é mais o sujeito que passeia pelas ruas e contempla o mundo, é o mundo que passeia diante de seus olhos.

Embora inserido em um turbilhão de textos, o fast-reader também pode requerer algumas estratégias para digerir, na medida do possível, as informações que lhe são expostas. Cognitivamente os processos de leitura passam primeiramente por um input, momento de percepção dos estímulos externos (Felts, 2007:87). Esses estímulos, na maioria das vezes são recebidos por meio da visão. Por isso, mecanismos de como conduzir o olhar por sobre o texto podem ser diferenciados de acordo com a intenção de leitura.

Do ponto de vista do processamento da leitura, de acordo com Kleiman (2007), pode-se atribuir algumas estratégias que correspondam às intenções de leituras mais corriqueiras, como é o caso dos mecanismos rápidos para apreensão visual, quando o leitor aciona o seu olhar para uma mera passada por sobre o texto. Este processo recebe o nome de scanning ou avistada, seu objetivo é geralmente depreender o tema de determinado texto por meio da captação de suas manchetes e palavras-chave. Outro processo típico de leituras apressadas, é chamado de skimming, ou desnatamento. Nessa estratégia lê-se seletivamente os inícios ou os finais dos períodos de parágrafos, tabelas ou quaisquer outros itens selecionados pelo leitor para que se aproxime de um sentido. Não há comprometimento com o linear, tão pouco com a totalidade. Trata-se de olhadas que fisgam parcialmente o discurso e, de forma não menos perigosa e pretenciosa, constituem algum sentido.

Outra perspectiva de processamento da leitura do fast-reader dá-se quando o texto em si já se apresenta de forma não-contínua, o que acontece, por exemplo com as conversas mantidas por meio de mensagens via celular, os chamados torpedos, scrapbooks, chats, bips etc. Mensagens fracionadas vão exigir do fast-reader uma enorme capacidade de contextualização e inferência, o que faz dessa leitura um verdadeiro desafio, donde pode-se constatar que há habilidades específicas nesse tipo de leitura que, se otimizadas, darão ao leitor condições para o êxito de sua empreitada.

O fast-reader desenvolve a leitura como um hábito casual, sem rituais ou pretensões estéticas, mas isso não significa dizer que essa leitura seja sempre ingênua e alienada. Um exemplo de atuação desse leitor pode ser percebido no ato rotineiro dos indivíduos ao acessarem suas caixas de mensagens pessoais. Geralmente esse leitor objetiva liquidar a lista de e-mails que aguarda ser lida. Entretanto, várias mensagens, nunca chegarão a ser lidas, muitas são apagadas antes mesmo de serem abertas, outras, após terem sua leitura iniciada, são abandonadas a despeito de sua conclusão. O leitor adapta-se a uma realidade de excesso e abandona, sempre que possível, aquilo que não lhe interessa. Essa escolha e decisão devem emanar de um sujeito consciente de seus interesses e prioridades, do contrário, a leitura torna-se um desperdício. Diante dessa nova configuração de leitor, vale resgatar a observação de Lévy (2000:25), de que uma técnica não pode ser considerada boa ou má, tampouco neutra. Ela não determina as mudanças na sociedade, pois ela mesma é um produto social, e, por isso, é preciso considerá-la como abertura para novas opções culturais ou sociais que sem ela não poderiam ser sequer pensadas.

O fenômeno da ruptura do sentido faz-se presente na fragmentação das mensagens que caracterizam um processo de comunicação veloz e interativo, mas também tumultuado e caótico.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. In: 'Obras Escolhidas', v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Ruanet. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. In: A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vols.1,2 e 3. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Tradução Cláudio Freire. São Paulo: editora UNESP, 2006.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

_____. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papiros, 1990.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 10 ed. Campinas, SP: Fontes, 2007

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOTHE, Flávio R. (org). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 2ªed. 991.(coleção grandes cientistas sociais)

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa., 2ª ed. São Paulo, Ed. 34, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros textuais, novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAIS, José. *A arte de ler*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PARENTE, André. *O Virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PIGLIA, Ricardo. *O Último leitor*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REY, Fernando Gonzalez. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2005.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SIJIE, Daí. *Balzac e a costureirinha chinesa*. Rio e Janeiro: Objetiva, 2001. Trad. Vera Lúcia dos Reis.

VIEIRA, Josênia Antunes (org.). (et al.). *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

[1] Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos. (cf Scribner e Cole, 1981 apud. Kleiman, 1995:19).

[2] A atividade do flaneur descrita por Walter Benjamin está relacionada, principalmente com a conquista da rua pelo sujeito que começa a fazer do mundo público uma necessidade e virtude. Se o flaneur é aquele que perambula ocioso expondo-se pelas ruas, temos nele alguns indícios que caracterizam o fast-reader, hoje tão exposto nos meios de comunicação em rede.